

## REPRESENTAÇÃO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NO MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL, CORUMBÁ (MS)

Representation of Bolivian Immigrants at The Pantanal History Museum, Corumbá (MS)

Representación de Inmigrantes Bolivianos en el Museo de Historia del Pantanal, Corumbá (MS)

DOI 10.55028/geop.v19i36

Ketylen Karyne Santos Almeida\*  
 Antônio Carlos do Nascimento Osório\*\*  
 Eunice Maria Pinheiro\*\*\*

**Resumo:** Esta pesquisa tem por finalidade compreender como os imigrantes bolivianos são representados no Museu de História do Pantanal (MUHPAN), considerando-se as relações de poder e saber. A metodologia de pesquisa foi norteada através da pesquisa bibliográfica. O MUHPAN é uma importante referência de conhecimento sobre a história regional, atendendo a diferentes grupos de visitantes. Com isso, os discursos a respeito desse museu precisam contar uma história em que as relações de poder possam emergir todos os arquivos das histórias vividas na região pantaneira. Dessa forma, evidenciou-se a ausência e a necessidade da inserção da história da cultura fronteiriça no MUHPAN.

**Palavras-chave:** Museu, Imigrante, Bolivianos, Fronteira.

**Abstract:** This research aims to understand how Bolivian immigrants are represented in the

### Introdução

Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Cidade Universitária – Curso de Doutorado, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura, Sociedade e ao Grupo de Estudo e Investigações Acadêmicas dos Referenciais Foucaultianos (GEIARF-UFMS). Ela tem o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao trabalhar por nove anos no Museu de História do Pantanal (MUHPAN), localizado na cidade de

\* Graduação em História (UFMS) e em Filosofia (UNIASSELVI); Mestre em Educação (UFMS); Doutoranda em Educação (UFMS). E-mail: ketylenk@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-7500-3471.

\*\* Graduação em Pedagogia (UCPEL) e em Psicologia (UCPEL); Mestrado em Educação (UFMS); Doutorando em Educação (PUC São Paulo). Professor titular da UFMS. E-mail: ymsnmm@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4631-1985.

\*\*\* Graduação em Letras/ Espanhol (UFMS); Mestrado em Letras (UNIR). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: eunice.pinheiro@ifro.edu.br. ORCID: 0000-0002-1249-3047

Pantanal History Museum (MUHPAN), considering power and knowledge relations. The research methodology was guided by bibliographical research. MUHPAN is an important reference for knowledge about regional history, serving different groups of visitors. Therefore, the speeches regarding this museum need to tell a story in which power relations can emerge from all the archives of stories lived in the Pantanal region. In this way, the absence and need to include the history of border culture in MUHPAN became evident.

**Keywords:** museum, immigrant, Bolivians, border.

**Resumen:** Esta investigación tiene como objetivo comprender cómo los inmigrantes bolivianos están representados en el Museo de Historia del Pantanal (MUHPAN), considerando relaciones de poder y conocimiento. La metodología de la investigación estuvo guiada por la investigación bibliográfica. MUHPAN es un referente importante para el conocimiento de la historia regional, atendiendo a diferentes grupos de visitantes. Por lo tanto, los discursos sobre este museo necesitan contar una historia en la que las relaciones de poder puedan surgir de todos los archivos de historias vividas en la región del Pantanal. De esta manera, se hizo evidente la ausencia y necesidad de incluir la historia de la cultura fronteriza en MUHPAN.

**Palabras clave:** Museo, Inmigrante, Bolivianos, Frontera.

Corumbá-MS, ocupei diversas funções nessa instituição, tais como estagiária (2009), coordenadora da Ação Educativa do MUHPAN (2013), gestora do MUHPAN (2016) e, no ano de 2018, prestei assessorias para projetos específicos de adequação e reforma da Sala Expositiva “Braços cativos no espaço urbano e rural de Corumbá”. Com essa experiência, foram inúmeros os grupos de alunos de diferentes escolas os quais tive oportunidade de orientar, diversas participações em cursos, desde a elaboração até a execução de diferentes projetos.

Com toda essa experiência no Museu de História do Pantanal, sempre constatei a ausência de certas histórias e indivíduos na história contada por essa instituição. Com isso, ao pensar fronteira, limite, trocas culturais entre Brasil e Bolívia, ou melhor, entre os corumbaenses e os bolivianos nascidos em Puerto Quijarro e Porto Suarez (cidades bolivianas), proponho-me a compreender como os imigrantes bolivianos são representados no Museu de História do Pantanal, considerando-se as relações de poder e saber.

Para atender a esse propósito, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através da análise dos documentos ditos oficiais do Museu de História do Pantanal, como relatórios, livros, atas, textos e imagens e o estudo das referências que tratam sobre o conceito de fronteira, limite, poder, arquivo, trocas sociais, culturais e econômicas.

Diante da pesquisa realizada, podemos compreender que os museus são importantes ferramentas de ensino. O MUHPAN, por possuir um recorte da ocupação humana na região do Pantanal, torna-se referência para as instituições escolares formais. Por isso, questionar as verdades estabelecidas no circuito expositivo do Museu de História do Pantanal é uma forma de buscar novas verdades, para que assim a instituição cumpra o seu papel social de preservar e conservar a herança cultural da sociedade, em especial, da região pantaneira, para que, dessa forma, ao adentrar o MUHPAN e ao sair desse espaço, os indivíduos possam aprender sobre uma história real dos acontecimentos ocorridos neste território.

## Representação dos imigrantes bolivianos no acervo do Museu de História do Pantanal

O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) está localizado na cidade de Corumbá, capital do Pantanal, no Estado do Mato Grosso do Sul (MS). A cidade sede do museu, Corumbá, é a segunda mais antiga do Estado. Fundada em 21 de setembro de 1778, foi palco de diversos acontecimentos históricos brasileiros. O Pantanal banha cerca de 60% do seu território. Essa união de Pantanal e de 237 anos de existência torna Corumbá uma cidade repleta de histórias que são devidamente salvaguardadas no Museu de História do Pantanal.

A cidade de Corumbá faz fronteira com o Estado Plurinacional de Bolívia, que se estende desde Corumbá (MS) até Assis Brasil, no Acre, totalizando cerca de 3.400km de fronteira. A fronteira, nesta pesquisa, remete a um espaço de interação entre povos distintos, no qual as relações de poder se manifestam diariamente através do contato, vivências, trocas, experiências e conflitos naturais dessa relação fronteiriça. Nas palavras de Piccolo (1998, p. 218), “[...] a fronteira não é uma linha, mas um espaço que define mais por seus atributos socioeconômicos e o limite, como conceito, é essencialmente político”.

Machado (1998, p. 43), corrobora a discussão ao dizer que,

A fronteira está orientada “para fora” (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados “para dentro” (forças centrípetas). Enquanto a fronteira é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo central, o limite jurídico do estado é criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono.

As demarcações dos limites entre Brasil e Bolívia se consolidaram através do Tratado de Petrópolis, em 1903. A relação fronteiriça entre Corumbá/Puerto Quijarro é constituída pela circulação de mercadorias e de pessoas nessa região. Essa circulação se dá de forma natural pelas necessidades dos indivíduos. Segundo Costa (2012),

as relações fronteiriças entre Corumbá e a vizinha área urbana de Puerto Quijarro são processuais, relacionais e híbridas, produzindo e sendo produzidas por territorialidades, por fluxos, por câmbios variados e próprios dos interesses de cada indivíduo ou grupo.

Com a ida e a vinda de imigrantes e migrantes, constrói-se uma cultura própria da região fronteiriça pantaneira, que se mantém viva na fronteira Brasil e Bolívia, através das manifestações culturais, da presença boliviana como donos de empreendimentos nos comércios locais, da presença boliviana consumindo produtos no centro da cidade, da presença de brasileiro nas universidades bolivianas, das compras e trocas comerciais.

A história da relação entre os bolivianos e os brasileiros é extensa e faz parte da história da ocupação humana na região do Pantanal. Com isso, nos perguntamos: de que forma a história fronteiriça Brasil e Bolívia é retratada pelo Museu de História do Pantanal? A partir dessas inquietações objetivamos compreender como os imigrantes bolivianos são representados na história do Museu de História do Pantanal, considerando as relações de poder e saber.

## Museu de História do Pantanal

O MUHPAN localiza-se na cidade de Corumbá, no Estado do Mato Grosso do Sul (MS) e propõe-se a contar a história da ocupação humana na região do Pantanal, através de 25 espaços expositivos. Conforme o projeto museográfico produzido por Etchevarne (2004, p. 4),

O museu deveria contar a história do homem do pantanal, de tal forma que a comunidade local se sentisse pertencente a essa história, sendo as pessoas colocadas como atores e agentes da transformação histórica ocorrida na região. Paralelamente o museu deveria se tornar um centro de referência de atividades pedagógicas e preservacionistas, ou seja, deveria utilizar o contexto histórico passado, para fazer com que a comunidade refletisse sobre suas ações e se projetasse para o futuro, consciente da forma correta de se relacionar com o meio. Além dessas funções que o museu deveria conter, estava também prevista a utilização deste espaço para fins turísticos, tendo o museu a função de apresentar a região, com todas as suas características naturais e culturais, aos visitantes de outras cidades e países. O turista que passasse pela região deveria utilizar o Muhpan como uma forma de compreender a construção do território do Pantanal.

O MUHPAN foi inaugurado em 2008, com patrocínio da empresa Petróleo Brasileiro S.A. e da empresa multinacional Votorantim Cimentos S.A., via Lei Rouanet A instituição sede do museu foi cedida pela Prefeitura Municipal de Corumbá, através de um contrato de cedência de 10 anos. O edifício que abriga o Museu de História do Pantanal faz parte do Casario do Porto, sendo considerado um conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico de Corumbá, tombado

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1993 (Etchervarne, 2004). O Museu de História do Pantanal é uma instituição sem fins lucrativos, com um conjunto de regras e rituais próprios de controle social. Segundo Osório (2010, p. 100), as instituições são:

[...] espaço de disposição, arranjo, formação, instrução, educação, do corpo e da mente; marcada por princípios, métodos, sistemas, doutrinas, sendo seu movimento operativo (ação propriamente dita) voltado para instruir, arranjar, estabelecer, construir, preparar, dar e recuperar, organizando seus propósitos, na perspectiva de um determinado grau de regularidade ativa, concebido culturalmente, por atributos designados em suas práticas sociais, sendo delimitados em suas funções, também construídas pela sociedade, especificando, assim seus atributos.

O edifício onde o MUHPAN se encontra instalado é o Wanderley, Baís & Cia, construído em 1876 e considerado um dos principais pontos turísticos de Corumbá. Conforme Targas (2012), o prédio, inicialmente, era uma casa comercial de propriedade de Firmo José de Mattos. Em seguida, se tornou Firmo, Barros & Cia. Após esse período de mudanças de razão social, em 1906, é firmada uma sociedade com a empresa Wanderley, Baís & Cia, sendo o prédio destinado ao comércio local; em seguida, se tornou uma casa de importação e exportação. No início do século XX, a Casa Wanderley, Baís & Cia representou o maior estabelecimento comercial do antigo Estado do Mato Grosso, possuindo filiais em Aquidauana e Campo Grande. Durante muito tempo, o térreo do edifício abrigou a sede da 14ª agência bancária do Banco do Brasil. Já em 1938, a Comissão Mista Ferroviária instalou sua sede no primeiro andar do prédio. Após o ano de 1960, a Casa Wanderley & Baís ficou abandonada. Em 1992, foi tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se sede do Museu de História do Pantanal a partir de 2008.

A iniciativa de base desse museu, na cidade de Corumbá, está relacionada ao interesse conjunto do Ministério da Cultura e das autoridades locais. Da sua fundação, em 2008, até o ano de 2020, foi gerido pela organização social Fundação Barbosa Rodrigues, com sede em Campo Grande (MS), sendo representado pelo senhor Antônio João Hugo Rodrigues, diretor do Grupo de Comunicação Correio do Estado, sendo esta fundação criada em 1982 por seus pais, o professor e jornalista J. Barbosa Rodrigues e a professora Henedina Hugo Rodrigues. Desde 2020, o museu se encontra sob a gestão da Prefeitura Municipal de Corumbá.

Ao analisar o projeto de base do MUHPAN, observa-se que o foco inicial era criar um centro expositivo que abordasse a arqueologia pantaneira, o qual foi substituído por um interesse em retratar não somente a arqueologia, mas também toda a história da ocupação humana na região pantaneira. Segundo Etchervarne (2004, p. 3),

[...] em função do reconhecimento que a região apresenta especificidades notáveis no processo de ocupação humana, que mereciam ser narrados em todas as suas vertentes episódicas. Ficam assim incluídos outros campos do conhecimento além da arqueologia: etnologia, etnohistória, história e antropologia social.

Diante dessa proposta, os arquivos do MUHPAN contam as diferentes formas da ocupação humana na região do Pantanal, organizados em 25 salas ou espaços expositivos. Quanto aos arquivos, Foucault (1997) problematiza aquilo que é selecionado para ser preservado, pois para o autor existe uma relação de saber e poder nas escolhas do que é arquivado enquanto registro. Isso nos faz refletir os motivos que levaram a História, por muito tempo, a se limitar apenas aos arquivos ditos oficiais, os quais discursavam sobre uma história elitista e excludente.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (Foucault, 1997, p. 149).

Os arquivos do Museu de História do Pantanal se organizam através de coleções agrupadas por temas, como: arqueológicos, etnográficos ou históricos. Nos arquivos expostos estão imagens, objetos originais como também réplicas, esculturas, quadros, cenários e painéis. Tais arquivos expostos sobre a história pantaneira faz parte da seleção realizada pelo arquiteto Nivaldo Vitorino, responsável pela montagem da cenografia do MUHPAN, com base na história criada pelo projeto conceitual do professor baiano Carlos Etchervarne.

No ano de 2013, mediante o projeto Janelas Culturais, com o patrocínio da Petrobras e Votorantim, foi publicado o livro *A História do Pantanal Contada pelo Muhpan*, dos historiadores sul-mato-grossenses Lúcia Salsa Corrêa e Valmir Batista Corrêa. Esse livro contou a história da ocupação humana na região do Pantanal e serviu como base para a produção das lâminas temáticas, panfletos e jogos, que foram entregues nas escolas de Corumbá e Ladário. Porém, não houve mudança na história narrada no circuito expositivo do MUHPAN, ainda permanecendo a história criada em 2004 pelo professor baiano Carlos Etchervarne.

## Organização do Museu de História do Pantanal

O roteiro histórico do Museu de História do Pantanal criado pelo historiador baiano Carlos Etchervarne (2004) narra a história da ocupação humana na região do Pantanal desde sua origem, datada de 8.200 anos a.C. até a atualidade.

No primeiro pavimento, a história é iniciada com a inserção do visitante à história do Pantanal. Nessa sala, o visitante compreende o contexto geográfico do Pantanal: sistema hídrico, topográfico, climático, ambiental, relevos e a fauna e flora pantaneira.

No segundo pavimento, a história inicia-se com a Arqueologia, descrevendo o início da ocupação humana na região do Pantanal. Em seguida, o visitante encontra a sala Etnologia, onde é apresentada a população indígena da região do Pantanal, a exibição do vídeo intitulado Encontro das Civilizações, depois o visitante adentra a sala Conquista Espanhola, que conta os percursos realizados pelos primeiros viajantes no território pantaneiro. Na sequência, tem-se a sala Conquista Portuguesa, que apresenta registros dos bandeirantes portugueses, os desbravamentos dos sertões brasileiros, as descobertas do ouro em Cuiabá e as travessias que eram feitas com as Monções. Seguindo o percurso, o visitante se depara com o painel denominado Tratados, que apresenta os Tratados realizados entre a Coroa Portuguesa e a Espanhola. Além do painel denominado Cidades, que apresenta as atas de fundação de Cuiabá, Cáceres e Corumbá. Para finalizar o primeiro pavimento, é apresentado o cenário de uma família Bororo, que é uma réplica de família de indígenas dessa etnia em tamanho proporcional ao do tamanho real do ser humano. Por último, é apresentada a sala Trem do Pantanal, onde é contada a história do Trem no trecho Bauru-Corumbá.

No terceiro pavimento, a história tem continuidade com a Guerra do Paraguai, contando esse conflito no território pantaneiro. A próxima sala conta a história das primeiras fazendas e da Comissão Rondon. Em seguida, a sala denominada Porto de Corumbá apresenta a importância da cidade para a história do Estado e do Brasil. Nas últimas duas salas, estão as representações das fazendas no pantanal e dos olhares de diferentes artistas para o Pantanal.

## Museu de História do Pantanal e a história da cultura fronteiriça Boliviana

A cultura boliviana possui muita representatividade na cidade de Corumbá (MS), seja através da venda de produtos nas feiras livres, nas lojinhas dos bairros, nas feiras livres, das barraquinhas nas calçadas do centro da cidade, dos desfiles em comemoração a Nossa Senhora de Urkupiña ou a independência da Bolívia, entre outros.

Diante disso, percebemos a importante troca cultural entre ambos os países, a qual nos faz únicos, pois nos torna fronteiriços. A cultura que possuímos é única, o que nos identifica e o que nos diferencia de outras cidades localizadas no Estado do Mato Grosso do Sul. Desse modo, observamos bolivianos vendendo seus



produtos nas feiras livres. Fato esse que não pode ser observado nas feiras livres da capital do Estado, Campo Grande (MS), por exemplo. Com isso, percebemos a necessidade de salvaguardar esse modo de vida fronteiriço, que por vezes é preconceituoso, em outros momentos é agradecido aos benefícios possibilitados pela fronteira, como também por vezes orgulhosos das apresentações culturais dos bolivianos e do nacionalismo exacerbado demonstrado pelos bolivianos.

Mesmo diante dessa constatação, podemos perceber que mesmo o Museu de História do Pantanal se propondo a contar a história da ocupação humana na região do Pantanal, e compreendendo que a fronteira ultrapassa os limites territoriais entre Brasil e Bolívia, não pudemos observar qualquer representação dos imigrantes bolivianos na história narrada pelo Museu de História do Pantanal.

Desse modo, percebemos que as histórias narradas nada mais são que sistemas de discursividades que selecionaram o que se tornou história e excluíram as demais histórias. Com isso, nos discursos do Museu de História do Pantanal, a história da cultura fronteiriça boliviana foi soterrada e sobreposta por outros discursos. O museu é composto por diversos arquivos que narram a história de algo. Esses arquivos são, segundo Foucault (1996, p. 171), “[...] o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. O arquivo é a lei do que pode e do que não pode ser dito”.

Quanto aos arquivos, o autor supracitado problematiza aquilo que é selecionado para ser preservado, pois para o autor existe uma relação de saber e poder nas escolhas do que é arquivado. Isso nos faz refletir os motivos que levaram a História por muito tempo a se limitar apenas aos arquivos ditos oficiais, que discursavam sobre uma história elitista e excludente. Assim como ocorre no Museu de História do Pantanal, ao omitir a história dos negros, fronteiriços e mulheres, entre outros indivíduos.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se compoñham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (Foucault, 1997, p. 149).

Por estarmos inseridos em uma rede de relações, o controle e o poder sobre os arquivos são uma forma de dominar o indivíduo, através da construção de uma verdade, que após ser tão imposta acaba se tornando uma verdade para todos. Para Assmann (2011), os arquivos são instrumentos de controle e poder. Ao relacionarmos tal fato com o contexto narrado pelo Museu de História do Pantanal, começamos a suscitar possíveis justificativas para a instituição tra-



balhar com determinado contexto histórico e não outro. Isso não é a proposta deste artigo, porém esse contexto nos faz refletir sobre quais as condições e as possibilidades dos saberes que possibilitaram os discursos vigentes no Museu de História do Pantanal emergirem, o porquê, por exemplo, de descrever a história das fazendas e dos grandes fazendeiros e caírem no esquecimento as pessoas e as histórias ditas simples, como a do negro, do indígena, da mulher, dos bolivianos, entre outros.

O poder, para Foucault (1997), é um exercício que se manifesta de maneira assimétrico. O poder é sempre uma relação desequilibrada, pois ninguém está fora das relações de poder. O poder é pensado como um feixe de relações, nas quais ninguém detém completamente o monopólio do poder a todo tempo. O poder não está centralizado nas grandes instituições, mas em todos os espaços. As relações de poder também se manifestam dentro das instituições museológicas e, portanto, no Museu de História do Pantanal. Por isso, é necessário refletir sobre as histórias contadas e escavar até que as histórias soterradas possam vir à luz do conhecimento.

Segundo Ströher (2014, p. 38), para Foucault, a “[...] intenção é problematizar o próprio problema, sendo a dúvida sua ferramenta, a sua picareta que quebrará o solo das certezas, vasculhará as camadas de enunciados, observará as coisas e nos mostrará o diferente”.

Diante disso, percebemos a necessidade de trazer à luz os arquivos soterrados sobre a história da cultura fronteiriça boliviana para que assim sejam integrados à história narrada pelo Museu de História do Pantanal. É evidente o relevante contato entre os brasileiros e bolivianos, assim como com os paraguaios, árabes, entre outros, pois, segundo Oliveira (2001, p. 25-64), “[...] constatou-se a existência de vinte e cinco nacionalidades coexistindo nesta cidade (Corumbá) nos anos de 1910, quando a mesma contava com aproximadamente dez mil habitantes”. Mesmo diante da existência de outras nacionalidades, escolhemos destacar neste artigo os bolivianos, cujo país se localiza na fronteira em conjunto com os brasileiros, e suas relações e contatos geram uma cultura fronteiriça. Não podemos apagar e silenciar essa história, principalmente pelo fato de o museu possuir uma função educativa e ser referência de visita na cidade.

Foucault (1979b, p. 16) é contra uma,

história assassinada, cada vez que em uma análise histórica – e sobretudo se trata do pensamento, das ideias e dos conhecimentos – vimos serem utilizadas, de maneira demasiado manifesta, as categorias da descontinuidade e da diferença, as noções de limiar, de ruptura e de transformação, a descrição das séries e dos limites.

Os museus são importantes ferramentas de ensino. O MUHPAN, por possuir um recorte sobre a ocupação humana na região do Pantanal, se torna referência para as instituições escolares formais. Por isso, questionar as verdades estabelecidas no circuito expositivo do Museu de História do Pantanal é uma forma de buscar novas verdades, para que assim a instituição cumpra o seu papel social de preservar e conservar a herança cultural da sociedade, em especial a da região pantaneira, para que, dessa forma, ao adentrar o MUHPAN e ao sair desse espaço, os indivíduos possam aprender sobre uma história real dos acontecimentos ocorridos nesse território.

## Considerações finais

Os museus possuem o papel social de salvaguardar uma história. Na pesquisa realizada, pudemos observar que devido às relações de poder estabelecidas em uma sociedade, a ideia de salvaguardar será resultado das forças de poder. Com isso, histórias serão tidas como verdadeiras e outras cairão no esquecimento. Essa decisão do que será arquivado e do que será descartado é resultado dessas relações de poder.

Porém, sabemos que o poder não pertence a determinada instituição ou pessoa de forma absoluta. Pois ele está presente até nos microespaços. Com isso, temos o papel de questionar as verdades, de escavar as histórias esquecidas e de trazê-las à luz do conhecimento. Para isso, precisamos compreender que a História é uma construção, é resultado das relações de poder.

Com isso, ao analisar o Museu de História do Pantanal e identificar a ausência da história fronteiriça em um contexto o qual ele deveria abordar, pois o museu se propõe a contar a história da ocupação humana na região do Pantanal, percebemos que nosso papel é contestar as verdades impostas e reconstruir o passado, trazendo à luz as histórias silenciadas. Através desta pesquisa, buscamos alertar para que as histórias contadas pelo MUHPAN insiram a história fronteiriça, pois ela é importante dentro da cultura local e precisa ser evidenciada para que os visitantes, ao conhecer o museu, possam aprender que a troca cultural entre bolivianos e brasileiros pode ser ora conflituosa, ora harmoniosa, mas que se constituem trocas que marcam a história das pessoas.

Através da exposição da história fronteiriça podemos quebrar barreiras do preconceito, do pré-julgamento do outro e compreender que a fronteira não é na Bolívia, pois todos nós somos fronteiriços. Podemos reforçar os nossos laços de alianças e compreender a riqueza histórica dessa região de forma a contemplar a história de todos.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Cidade Universitária – Curso de Doutorado, inserida na Linha de Pesquisa Educação, Cultura, Sociedade. Ao Grupo de Estudo e Investigações Acadêmicas dos Referenciais Foucaultianos (GEIARF-UFMS). À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Aos organizadores do II Congresso Migrafron, por nos proporcionar um evento de excelente qualidade.

## Referências

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Unicamp, 2011.
- CORRÊA, L. S.; CORRÊA, V. B. **A história do Pantanal contada pelo Muhpan**. São Paulo: Edição de Artes, 2013.
- COSTA, Edgar Aparecido. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. **Cadernos de estudos culturais**, v. 4, n. 7, p. 17-33, 2012.
- ETCHEVARNE, C. **Projeto expográfico do Museu de História do Pantanal**. Corumbá: Muhpan, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. A Vontade do Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**: une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979b.
- MACHADO, L. O. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. *et al.* (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998. p. 41-49.
- OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **O mais importante era a raça**: sírios e libaneses na política em Campo Grande, MS. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 12 maio 2024.
- OSÓRIO, A. C. As instituições: discursos, significados e significantes, buscando subsídios teóricos e metodológicos. In: OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento (Org.). **Diálogos em Foucault**. Campo Grande: Editora Oeste, 2010. p. 95-133.
- PICCOLO, Helga. Nós e os outros: conflitos e interesses num espaço fronteiriço (1828-1852). In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH), 17., 1998. **Anais [...]**. Curitiba: SBPH, 1998. p. 217-222.
- STRÖHER, C. E. História em revolução: Michel Foucault e a produção do conhecimento histórico. **Diálogos**, Maringá, v. 18, supl. Espec., p. 15-48, dez. 2014.
- TARGAS, Z. I. M. S. **As casas comerciais importadoras/exportadoras de Corumbá (1904-1915)**. 2012. 103f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.